Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Fatores associados ao brincar de lactentes acompanhados pela atenção primária e ao conhecimento dos seus cuidadores: estudo transversal

Factors associated with play behaviors in infants under primary care follow-up and with the knowledge of their caregivers: a cross-sectional study

Factores asociados a las conductas de juego en lactantes bajo seguimiento en atención primaria y al conocimiento de sus cuidadores: estudio transversal

Camila Fonseca Leal de Araujo[1,2], Carla Adriane Fonseca Leal de Araújo[1,2], Liana Chaves Alves[1,2], Lucivânia da Silva Barbosa de Almeida[2], Emília Gomes Bezerra[1], Luiza Bezerra Wanderley[1], Alice Guerra Barreto da Costa[1].

RESUMO

Objetivo: Avaliar os fatores associados ao brincar dos lactentes acompanhados em uma unidade de atenção primária e ao conhecimento de seus cuidadores. **Métodos:** Estudo transversal com cuidadores de lactentes cadastrados em uma Unidade de Saúde da Família em Recife-PE. Colhidos dados biológicos, socioeconômicos e demográficos de crianças e cuidadores, características do brincar e avaliação do conhecimento dos cuidadores por escala Likert. Digitada dupla entrada no Excel 2013 e análise estatística utilizou o STATA12.0, considerando p≤0,05 significante. **Resultados:** 57 cuidadores entrevistados. Maioria mulheres e mães, idade média de 32 anos e ensino médio completo. Idade média das crianças de 11 meses; a maioria brincava em casa e ao ar livre, usando principalmente brinquedos estruturados; 64,3% usavam eletrônicos. Todos reconheceram os benefícios do brincar para saúde e aprendizagem, porém 57,9% discordaram que bebês podem brincar desde sua primeira semana. Observou-se associação significativa entre cuidadores jovens e menor percepção do brincar inicial (p=0,026); e entre grau de escolaridade e percepção do brincar inicial (p=0,028), uso de eletrônicos (p=0,001) e valorização de objetos não estruturados (p=0,003). **Conclusão:** Lacunas no conhecimento sobre o brincar inicial reforçam a necessidade de ações educativas na atenção primária para promover experiências lúdicas saudáveis desde o nascimento.

Palavras-chave: Lactente, Jogos e brinquedos, Atenção primária à saúde, Cuidadores.

ABSTRACT

Objective: To evaluate factors associated with infant play in primary care and the knowledge of their caregivers. **Methods:** Cross-sectional study with 57 caregivers of infants enrolled in a Family Health Unit in Recife, Brazil. A questionnaire was applied addressing the biological, socioeconomic, and demographic profile of children and caregivers, play characteristics, and Likert-scale statements to assess caregiver knowledge. Data were double-entered into Excel 2013, and statistical analysis was performed using STATA 12.0,

[1] Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife – PE.
[2] Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, Pernambuco – PE.

SUBMETIDO EM: 3/2026 | **ACEITO EM: 4/2026** | **PUBLICADO EM: 6/2026**

considering p≤0.05 as significant. **Results:** Fifty-seven caregivers participated, mostly women and mothers, with a mean age of 32 years and completed high school. The infants had a mean age of 11 months; most played at home and outdoors, mainly with structured toys and household objects; 64.3% used electronic devices. All caregivers recognized the benefits of play for health and learning, but 57.9% disagreed that babies can play from the first week of life. A significant association was found between caregivers under 24 years old and lower perception of early play (p=0.026), as well as between educational level and perception of early play (p=0.028), electronic device use (p=0.001), and appreciation of unstructured objects as toys (p=0.003). **Conclusion:** Gaps in knowledge about early play reinforce the need for educational actions in primary care to promote healthy play experiences from birth.

Keywords: Infant, Games and toys, Primary health care, Caregivers.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar los factores asociados al juego de lactantes en la atención primaria y el conocimiento de sus cuidadores. **Métodos:** Estudio transversal con 57 cuidadores de lactantes registrados en una Unidad de Salud de la Familia en Recife, Brasil. Se aplicó un formulario con el perfil biológico, socioeconómico y demográfico de los niños y cuidadores, características del juego y afirmaciones en escala Likert para evaluar el conocimiento de los cuidadores. Los formularios fueron digitados en doble entrada en Excel 2013 y el análisis estadístico se realizó con STATA 12.0, considerando p≤0,05 como significativo. **Resultados:** Participaron 57 cuidadores, en su mayoría mujeres y madres, con edad media de 32 años y secundaria completa. Los lactantes tenían una media de 11 meses; la mayoría jugaba en casa y al aire libre, principalmente con juguetes estructurados y objetos domésticos; el 64,3% utilizaba dispositivos electrónicos. Todos reconocieron los beneficios del juego para la salud y el aprendizaje, pero el 57,9% no estuvo de acuerdo en que los bebés puedan jugar desde la primera semana de vida. Se observó una asociación significativa entre cuidadores menores de 24 años y menor percepción del juego inicial (p=0,026), así como entre nivel educativo y percepción del juego inicial (p=0,028), uso de electrónicos (p=0,001) y valoración de objetos no estructurados como juguetes (p=0,003). **Conclusión:** Las lagunas en el conocimiento sobre el juego inicial refuerzan la necesidad de acciones educativas en la atención primaria para promover experiencias lúdicas saludables desde el nacimiento.

Palabras clave: Lactante, Juegos y juguetes, Atención primaria de salud, Cuidadores.

INTRODUÇÃO

Embora não haja consenso quanto à sua definição precisa, entende-se o brincar como uma atividade inerente ao ser humano, envolvendo participação ativa e resultando em descobertas prazerosas. A espontaneidade e a diversão são as características prevalentes e explicam o engajamento das crianças nessas práticas (NIJHOF SL, et al., 2018; ZHOU Y, et al., 2022). Brincar é uma atividade intrínseca à infância, essencial para o desenvolvimento, aprendizagem e qualidade de vida. Desde 1984, Vygotsky LS (1984) via o brincar como uma atividade espiritual, capaz de proporcionar alegria, liberdade e preparar a criança para os desafios futuros. Atualmente, essa atividade é reconhecida como uma prática profunda e significativa, que permite à criança explorar e compreender o mundo ao seu redor, auxiliando na promoção um desenvolvimento saudável e integral (YOGMAN M, et al., 2018).

A prática lúdica do brincar durante a infância desempenha papel decisivo no desenvolvimento psíquico, motor e social, especialmente nos primeiros anos de vida. A interação com pares, adultos e elementos do ambiente favorece avanços na linguagem, no pensamento e na regulação emocional (YOGMAN M, et al., 2018; WHITMAN E, 2018). Além disso, brincar contribui para a construção de resiliência na infância, favorecendo o desenvolvimento de habilidades emocionais e cognitivas adaptativas, especialmente em contextos adversos como a pandemia de COVID-19 nos últimos anos (FYFFE L e LEWIS A, 2024).

Para que a criança usufrua ao máximo do estímulo proporcionado por cada brincadeira, é crucial ter acesso à exploração de diversos cenários — como a natureza, parques e ambientes familiares — e participar de

brincadeiras tanto coletivas quanto individuais, que promovem imaginação, autoconhecimento e regulação emocional. A literatura tem demonstrado que o brincar ao ar livre é fortemente correlacionado ao desenvolvimento saudável, cognitivo e social em crianças (LEE EY, et al., 2021), e que intervenções que ampliam as oportunidades de brincar ao ar livre em serviços de educação infantil aumentam significativamente o tempo desta atividade, sugerindo benefícios no desenvolvimento geral da criança (LEE EY, et al., 2021; SBP, 2024a; WYVER S, 2024; YOONG SL, et al., 2025).

Uma vez inerente aos seres humanos e fundamental para desenvolver-se e adaptar-se a diferentes circunstâncias, o brincar não deve acontecer apenas após a ida à escola, por exemplo, mas se trata da própria base do aprendizado os nos primeiros anos de vida, com destaque para os lactentes, que compreendem a faixa etária de zero a dois anos, os quais começam a brincar desde o nascimento (WHO, 2018). Para os bebês, o corpo é o primeiro brinquedo. Inicialmente, exploram o mundo ao seu redor por meio dos sentidos, o que os ajuda a se descobrir e entender o ambiente. Tudo se inicia com a movimentação dos olhos. O rosto dos cuidadores e objetos ao redor se tornam fontes de interesse e, no momento que o bebê aprende a fixar o olhar, ele se torna capaz de brincar. Em seguida, a criança espontaneamente se toca e assim descobre as próprias mãos. Com o tempo, percebe que consegue movimentá-las e manusear os objetos ao seu alcance, ampliando assim a possibilidade de experiências de brincadeiras (BRANDÃO T, 2021; UNICEF, 2025; NEEDHAM AW e NELSON EL, 2023).

A estimulação do brincar para essas crianças é fundamental pelos por auxiliar na no desenvolvimento da arquitetura cerebral, construindo conexões neurais que fortalecem o cérebro da criança; permitir o aprendizado sobre o mundo físico, como a função de determinados objetos; promover o apego emocional entre o bebê e o cuidador, ajudando a criança a regular as emoções e aprender sobre relacionamentos socioafetivos e linguagem (WHO, 2018).

Nesse sentido, materiais lúdicos são fundamentais na experiência do brincar. Incorporar os itens apropriados desde cedo pode ajudar a promover a aquisição de marcos do desenvolvimento e favorecer o surgimento de habilidades cognitivas (CANKAYA O, et al., 2023). No passado, era mais comum as crianças dependerem da imaginação para fabricar seus próprios brinquedos, sendo encorajadas a explorar, inventar e buscar os materiais necessários para construí-los. Estes seriam os chamados brinquedos não estruturados, como pedras, folhas e caixas de papelão, para os quais poderiam ser atribuídas diversas funções. Esse tipo de experiência amplia a criatividade, a resolução de problemas e o desenvolvimento motor (NANDY A, et al., 2020). Todavia, a popularização de objetos industrializados com funções pré-definidas, como bonecas, e carros, reduziu a interação livre e espontânea da criança com o ambiente. Estes são os chamados brinquedos estruturados, os quais, embora tenham valor em determinados contextos, direcionam a forma de brincar e limitam a possibilidade de múltiplas interpretações.

Brincar livremente em ambientes não direcionados continua sendo essencial, pois promover a autorregulação necessária ao aprendizado e fortalece competências socioemocionais (COLLIVER Y, et al., 2022). Na atualidade, muitos cuidadores enfrentam desafios para concilia as responsabilidades profissionais com a parentalidade (KOERBER MI, et al., 2023), cuja definição clássica envolve as medidas realizadas pelos cuidadores para a sobrevivência e o desenvolvimento da criança em um ambiente seguro, que a permita socializar e tornar-se progressivamente autônoma (BARROSO R e MACHADO C, 2010).

Na contramão do que se espera do cuidado responsivo, que dentro da parentalidade abrange proporcionar um aprendizado enriquecido, construir confiança e criar laços e relações sociais, o tempo dedicado à interação direta e ao vínculo afetivo pode ser limitado na atualidade, seja por falta de interesse, de disponibilidade ou de conhecimento, especialmente se estão envolvidas as longas jornadas de trabalho ou pressões financeiras (WHO, 2018).

Somada a essa dinâmica, o aumento do acesso aos dispositivos eletrônicos tem desviado a atenção dos cuidadores e interferido nas interações interpessoais. Fatores pobreza, violência, desnutrição e falta de acesso à educação e saúde podem gerar estresse tóxico, tendo como resultados desde a menor criatividade até o adoecimento psíquico infantil, limitando o brincar (SBP, 2024a; POBLETE ALMENDRAS MJ, et al., 2024).

Neste âmbito, é importante destacar o Marco Legal da Primeira Infância, uma legislação que estabelece princípios e diretrizes para a criação e implementação de políticas públicas voltadas aos primeiros 6 anos de vida. A lei reconhece a importância dessa fase da vida para o desenvolvimento humano e determina que o Estado a crie programas e serviços intersetoriais e descentralizados focados nessa faixa etária, definindo como áreas prioritárias a saúde, alimentação e nutrição, educação infantil, assistência social, cultura, convivência familiar e comunitária, e proteção contra violências e pressões consumistas (BRASIL, 2016).

No que se refere ao brincar, esta prática é tratada pelo Marco como um direito fundamental e uma estratégia de desenvolvimento, sendo uma área prioritária nas políticas públicas para a primeira infância e que o poder público deve organizar e estimular a criação de espaços lúdicos em locais públicos e privados(BRASIL, 2016).

O Plano de Ação Estratégico da Política Nacional da Primeira Infância (PNPI), por sua vez, detalha ações concretas para aplicar os princípios do Marco Legal no cenário de Atenção Primária à Saúde (APS), as quais podem influenciar diretamente no estímulo ao brincar. Exemplos dessas ações incluem a ampliação da vigilância ao desenvolvimento por meio da qualificação de profissionais, o aumento das consultas por médicos e enfermeiros para as crianças na primeira infância, a integração com a assistência social e o apoio financeiro à gestão municipal na ampliação do cuidado integral (BRASIL, 2025).

A APS constitui a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). Profissionais vinculados à APS possuem papel central na vigilância do desenvolvimento infantil e na educação em saúde, com potencial para orientar os cuidadores sobre a importância do brincar e sobre os riscos do uso excessivo de telas no ambiente familiar (ROCHA BD e NUNES CJ, 2023; SOLIS-CORDERO K, et al., 2023; WHO, 2018). O estímulo ao brincar livre deve ser integrado às práticas em saúde desde os primeiros anos de vida. Contudo, ainda são escassos os estudos que analisam como esse brincar ocorre entre lactentes e qual o entendimento dos cuidadores sobre sua importância. Assim, o objetivo deste estudo foi avaliar os fatores associados ao brincar dos lactentes acompanhados em uma unidade de APS e ao conhecimento de seus cuidadores.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo do tipo corte transversal com componente analítico. A pesquisa foi conduzida na em uma USF na cidade do Recife. O período de coleta ocorreu entre agosto de 2024 a agosto de 2025, durante o horário de funcionamento da unidade. A população-alvo foi composta por responsáveis de 57 crianças de zero a dois anos acompanhadas na unidade, identificadas por amostra de conveniência, à medida que compareciam à UBS. Foram utilizados como critério de exclusão a presença de comorbidades orgânicas ou psíquicas diagnosticadas ou em investigação que pudessem interferir no brincar compatível com a faixa etária e aqueles usuários que passaram por mobilidade urbana.

Os cuidadores foram abordados durante visitas à unidade e convidados a participar da pesquisa. Os instrumentos de coleta foram compostos por dois formulários elaborados para o estudo. O primeiro registrou as variáveis sociodemográficas, econômicas, características e fatores relacionados ao brincar dos lactentes. Também foi analisado o conhecimento dos cuidadores sobre o brincar, utilizando uma escala do tipo Likert (1932) de cinco itens (discordo totalmente, discordo, não concordo nem discordo, concordo totalmente, concordo), posteriormente agrupados em “concordo” e “discordo”. De acordo com as respostas obtidas, foram feitas análises para verificar associação entre as características dos cuidadores e do brinquedo mais utilizado pela criança com o conhecimento adequado sobre o brincar.

Os formulários foram digitados em dupla entrada no programa Excel 2013. Para a análise estatística foi utilizado o Stata 12.0. Realizou-se a distribuição de frequências absolutas e relativas. Para a comparação de variáveis contínuas, aplicou-se o teste t de Student. Na comparação entre variáveis categóricas, utilizou-se o teste do qui-quadrado ou o teste exato de Fisher. Considerou-se estatisticamente significante um valor de $p \leq 0,05$. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Pernambucana de Saúde, sob parecer nº 7.212.934 e CAAE nº 83491824.8.0000.5569.

RESULTADOS

Foram identificados 57 cuidadores. Entre os participantes da pesquisa, 52 (91%) eram do sexo feminino sendo a maioria mães 43 (75%), e 5 (8,8%) do sexo masculino. A média de idade foi de 32 anos (+ 12,31). A

maioria dos entrevistados considerava-se de cor parda, correspondendo a 34 (59%). Apenas 26 (45,6%) referiram exercer atividade remunerada e somente 13 (22,8%) possuíam renda familiar superior a um salário-mínimo. A maioria relatou ter ensino médio completo 25 (43,9%). Em relação à habitação apenas 4 (7%) não residem em casa de alvenaria e houve uma média de 3,75 pessoas (+ 1,27) residindo na mesma casa (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos cuidadores e dos lactentes atendidos em uma Unidade Básica de Saúde. Recife-PE, 2025.

Informações sobre os cuidadores		
Variável	**n**	**%**
Grau de parentesco		
Mãe	43	75,4
Avó	6	10,5
Outros	8	14,1
Cor		
Branca	8	14
Negra	15	26,3
Parda	34	59,6
Sexo		
Feminino	52	91,2
Masculino	5	8,8
Função remunerada		
Sim	26	45,6
Não	31	54,4
Profissão com carteira assinada		
Sim	15	57,7
Não	11	42,3
Renda familiar		
<1 salário-mínimo	25	43.9
1 salário-mínimo	18	31,6
>1 salário-mínimo	13	22,8
Não sabe informar	1	1,8
Grau de escolaridade		
Ensino Fundamental	19	33,4
Ensino Médio	31	54,4
Ensino Superior	7	12,2
Habitação		
Alvenaria	53	93
Madeira	4	7,0
Total	**57**	
Variável	**Média**	**Desvio Padrão**
Idade (anos)	32	12,31
Quantidade de crianças responsável	1,89	1,2
Quantas pessoas moram na mesma residência	3,75	1,27
Informações sobre as crianças		
Variável	**N**	**%**
Sexo		
Masculino	34	59,6
Feminino	23	40,4
Cor		
Branca	23	40,4
Negra	7	12,3
Parda	27	47,4
Frequenta Creche		
Sim	20	35,1
Não	37	64,9
Turno que passa na creche		
Matutino	2	10
Vespertino	2	10
Integral	16	80
Total	**57**	
Variável	**Média**	**Desvio Padrão**
Idade (meses)	11	8,27
Idade da primeira brincadeira	4	

Fonte: Araújo CFL, et al., 2026.

Quanto às crianças sob responsabilidade desses cuidadores, a média de idade foi de 11 meses (+ 8,27). A maioria era do sexo masculino 34 (59,6%), da cor parda 27 (47,4%) e não frequentava creche 37 (64,9%). Das que frequentavam creche, 16 (80%) o fazia em tempo integral (**Tabela 1**).

Sobre as características do brincar, a maioria das crianças brincava em casa 54 (94,7%) e durante mais de três horas por dia 36 (67,9%), tendo como companhia mais frequente as mães, os pais e as avós. Apenas 12 (21,8%) dos bebês não brincavam ao ar livre. Dentre as que brincavam ao ar livre, os locais mais frequentados foram rua de casa, seguidos de praça e parque. A maioria das crianças que brincavam ao ar livre o faziam diariamente e por um período superior a uma hora. As três maiores dificuldades para brincar ao ar livre foram: violência, falta de tempo do cuidador e falta de local adequado (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Características do brincar dos lactentes atendidos na Unidade Básica de Saúde.

Variável	n	%
Brinca em casa		
Sim	54	94,7
Não	3	5,3
Cuidador lembra da primeira brincadeira do bebê		
Sim	38	66,7
Não	19	33,3
Horas de brincadeiras por dia em casa		
<1 hora	11	20,8
1-3 horas	6	11,3
>3 horas	36	67,9
Uso de aparelho eletrônico		
Sim	36	63,2
Não	20	35,1
Não soube informar	1	1,8
Tempo de uso de eletrônicos por dia		
<1 hora	17	47,2
1-2 horas	12	33,3
2-3 horas	5	13,9
>4 horas	2	5,6
Brinca ao ar livre		
Sim	43	78,2
Não	12	21,8
Frequência de idas ao ar livre		
Diariamente	17	42,5
2 vezes ou mais 1 vez	11	27,5
Não soube informar	1	2,5
Horas de brincadeiras por dia ao ar livre		
>1 hora	26	45,6
30min - 1 hora	10	17,5
15-30min	2	3,5
< 15min	1	1,8
Não soube informar	10	31,6

Fonte: Araújo CFL, et al., 2026.

Considerando os três objetos mais utilizados pelas crianças para brincar, observou-se que os objetos estruturados foram a maioria nas escolhas, sendo chocalho, bola e carrinho os brinquedos mais frequentemente citados. Dentre os não estruturados, os utensílios de casa foram os predominantes, como controle, chave de casa e panela. Quando perguntado diretamente para os cuidadores a respeito do uso de eletrônicos (televisão, tablets, celular), 36 crianças (64,3%) faziam uso. Dentre as que utilizavam eletrônicos, 17 (47,2%) passavam menos de 1 hora por dia, 12 (33,3%) passavam de 1 a 2 horas por dia, 5 (13,9%) passavam de 2 a 3 horas por dia e 2 (5,6%) passavam mais de 4 horas por dia (**Tabela 2**).

A distribuição das assertivas da escala Likert (1932) e as respostas agrupadas em “concordo e discordo” estão descritas na **Tabela 3**, e a associação dessas respostas com as características do brinquedo mais utilizados pelas crianças e com as características dos cuidadores na **Tabela 4**.

Tabela 3 - Conhecimento sobre o brincar e seus fatores associados dos cuidadores dos lactentes em escala Likert.

Variável	n	%
Brincar e atividades de lazer ao ar livre são um direito universal (mundial) de todos os bebês		
Concordo	56	98,2
Discordo	1	1,8
Brincar e brincadeiras fazem bem para a saúde física dos bebês		
Concordo	57	100
Discordo	0	0
Brincar e brincadeiras fazem bem à aprendizagem dos bebês		
Concordo	57	100
Discordo	0	0
Os bebês conseguem brincar desde a primeira semana de vida		
Concordo	24	42,1
Discordo	33	57,9
Os bebês devem brincar ao ar livre		
Concordo	51	89,5
Discordo	6	10,5
É preciso pensar no ambiente que o bebê vai brincar antes de colocar ele lá		
Concordo	56	98,2
Discordo	1	1,8
Oferecer brinquedos eletrônicos pode agitar mais ainda os bebês		
Concordo	27	47,4
Discordo	30	52,6
Os brinquedos eletrônicos atrapalham na aprendizagem		
Concordo	39	68,4
Discordo	18	31,6
É importante o bebê brincar com objetos que não sejam originalmente brinquedos		
Concordo	29	50,9
Discordo	28	49,1
Brincar juntos faz bem para os cuidadores e para os bebês		
Concordo	57	100
Discordo	0	0

Fonte: Araújo CFL, et al., 2026.

Tabela 4 - Associação entre o conhecimento sobre o brincar e fatores que o influenciam com a responsável pela criança, atividade remunerada e renda.

Idade				
	<24 anos		**24 anos ou mais**	***p****
Os bebês conseguem brincar desde a primeira semana de vida	**n (%)**		**n (%)**	
Concorda	2 (15,4)		22 (50,0)	0,026
Discorda	11 (84,6)		22 (50,0)	
Grau de escolaridade				
Os bebês conseguem brincar desde a primeira semana de vida	**Ensino Fundamental n (%)**	**Ensino Médio n (%)**	**Ensino Superior n (%)**	***p****
Concorda	9 (47,4)	10 (32,3)	5 (71,4)	p = 0,028
Discorda	10 (52,6)	21 (67,7)	2 (28,6)	
Grau de escolaridade				
Oferecer brinquedos eletrônicos pode agitar mais ainda os bebês	**Ensino Fundamental n (%)**	**Ensino Médio n (%)**	**Ensino Superior n (%)**	***p****
Concorda	12 (63,2)	17 (54,8)	1 (14,3)	p = 0,001
Discorda	7 (36,8)	14 (45,2)	6 (85,7)	
Grau de escolaridade				
É importante o bebê brincar com objetos que não sejam originalmente brinquedos	**Ensino Fundamental n (%)**	**Ensino Médio n (%)**	**Ensino Superior n (%)**	***p****
Concorda	5 (26,3)	19 (61,3)	5 (71,4)	p = 0,003
Discorda	14 (73,7)	12 (38,7)	2 (28,6)	

Fonte: Araújo CFL, et al., 2026.

DISCUSSÃO

Os resultados revelaram que o perfil sociodemográfico dos participantes era composto majoritariamente por mulheres, com baixo nível de renda familiar e inserção limitada no mercado formal de trabalho, embora a maioria tivesse concluído o ensino médio. Esse perfil reflete um padrão já amplamente descrito na literatura brasileira, que aponta o papel central das mulheres como principais cuidadoras das crianças, muitas vezes em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Isso pode impactar tanto na disponibilidade de tempo quanto na oferta de estímulos adequados ao desenvolvimento infantil, dentre outras maneiras, através do brincar (SOUSA BVN, et al., 2022). Em relação às crianças, observou-se uma média de idade de 11 meses, com predominância do sexo masculino e da cor parda. A maioria dos lactentes não frequentava creche (64,9%), o que ressalta o papel do ambiente domiciliar e da família como importantes espaços de socialização e estímulo nos primeiros anos de vida.

No que se refere ao conhecimento dos cuidadores, observou-se uma valorização do brincar como elemento essencial para a saúde física e a aprendizagem dos bebês, além do reconhecimento da importância de organizar o ambiente antes das atividades lúdicas, o que demonstra uma percepção positiva sobre o papel do brincar no desenvolvimento infantil. No entanto, mais da metade dos participantes (57,9%) não reconheceu que os bebês são capazes de brincar desde a primeira semana de vida, o que revela uma lacuna importante na compreensão do potencial interativo e comunicativo dos lactentes — período em que estímulos simples, como o olhar, a voz e o toque, já constituem formas iniciais de brincadeira e vínculo afetivo (BRANDÃO T, 2021). Houve associação significativa entre este achado e a idade dos cuidadores inferior a 24 anos, (p=0,026), o que sugere menor conhecimento ou concepções distintas sobre o desenvolvimento infantil precoce. Essa associação pode estar relacionada à inexperiência parental e à menor exposição a informações sobre os marcos iniciais do desenvolvimento.

Além disso, a literatura reconhece a parentalidade na juventude como um fator de risco que impede o cuidado responsivo. Cuidadores mais jovens frequentemente acumulam maiores vulnerabilidades, o que inclui um risco elevado para o desenvolvimento de transtornos mentais perinatais comuns, como a ansiedade e a depressão. O adoecimento mental afeta diretamente a concentração, o julgamento e a capacidade do cuidador de expressar afeto, prejudicando o engajamento prático em interações essenciais, como o brincar e a comunicação com o bebê (WHO, 2018). Diante dessas barreiras na aplicação dos cuidados, evidencia-se a necessidade de suporte direcionado para esse público, estratégia já adotada por diversos programas de intervenção parental em todo o mundo, desenhados para orientar e apoiar mães e pais adolescentes ou de primeira viagem (JEONG J, et al., 2021).

Em relação ao grau de escolaridade, foi realizada uma a subdivisão entre ensino fundamental, médio e superior. Embora não tenha sido identificado um padrão estatístico consistente entre esses níveis e o conhecimento de que é possível brincar desde o nascimento, a percepção de que eletrônicos agitam os bebês e preferência por brinquedos não eletrônicos, observou-se uma predominância de respostas positivas entre cuidadores com maior escolaridade. É esperado que o maior grau de instrução reflita mais acesso à informação sobre práticas adequadas de estímulo às crianças, porém é também é possível que na verdade traduza maior exposição a discursos de consumo que valorizam brinquedos eletrônicos. Já entre os cuidadores com menor escolaridade, a subestimação da capacidade lúdica precoce pode estar vinculada a barreiras de acesso à informação ou a crenças culturais.

Evidências científicas concordam que a baixa escolaridade atua como um fator de risco para restringir a o cuidado afetuoso, pois frequentemente se associa a outras vulnerabilidades socioeconômicas e ao estresse. Em contrapartida, maior instrução é apontada como um fator protetor da saúde mental materna, proporcionando a disponibilidade emocional necessária para o engajamento responsivo nas brincadeiras (WHO, 2018). Diante da limitação amostral do presente estudo, ressalta-se a importância de estudos com maior número de participantes, que permitam aprofundar a análise do papel da idade e da escolaridade nas concepções e práticas relacionadas ao brincar.

Nesta pesquisa, a maioria dos cuidadores discordou que os brinquedos eletrônicos podem agitar ainda mais os bebês, (52,6%) sendo estes muitas vezes utilizados como recurso para acalmá-los, o que diverge das diretrizes atuais, as quais desaconselham a exposição precoce às telas pelos riscos ao neurodesenvolvimento. Estudos recentes alertam que a exposição digital ocorre em idades cada vez mais precoces, sendo os dispositivos eletrônicos frequentemente oferecidos pelos próprios pais para fazer com que a criança "fique quietinha", aliviar o tédio ou facilitar a rotina (NUVOLI V, et al., 2025; SBP, 2024b). Essa dinâmica cria uma "distração passiva", a qual atua como um recurso rápido, preenchendo lacunas afetivas que deveriam ser ocupadas pelo brincar ativo (SBP, 2024b).

Além de atuar indevidamente como "chupeta digital" e solução ilusória para acalmar a criança, o tempo excessivo de tela afeta negativamente funções executivas, desenvolvimento da linguagem, qualidade do sono e interações sociais (NUVOLI V, et al., 2025). Esses achados reforçam a necessidade de fortalecer ações educativas na APS, em consonância com as diretrizes do Marco Legal da Primeira Infância e as metas da PNPI (BRASIL, 2025), priorizando interações reais e sensoriais ao invés de estímulos artificiais e tecnológicos (SBP, 2024b).

No que tange às práticas de brincar, a maioria das crianças realizava essa atividade diariamente em casa, muitas vezes por mais de três horas, acompanhadas principalmente por mães, pais e avós, o que demonstra a valorização do convívio familiar nesse processo. O brincar ao ar livre também foi relatado, geralmente por mais de uma hora por dia, apesar de haver uma parcela de lactentes restrita a ambientes internos (21,8%). Recomenda-se que as crianças tenham acesso diário a espaços externos, com pelo menos uma hora de contato com a natureza, vivenciando experiências diversificadas que favoreçam a exploração, a convivência social e o movimento. Orienta-se também que seja priorizada a oferta de ambientes seguros, acessíveis e bem cuidados, de modo a ampliar as oportunidades de brincar (SBP, 2024a). Entre os obstáculos citados para brincar ao ar livre, destacam-se a violência, a falta de tempo dos cuidadores e a ausência de locais adequados, fatores que refletem condições sociais e estruturais frequentemente relatadas em contextos urbanos brasileiros (MORAIS RL, et al., 2016).

Quanto às formas de brincar, prevaleceu o uso de brinquedos estruturados. Os brinquedos não estruturados, embora em menor quantidade, também foram citados, evidenciando a criatividade das famílias diante de contextos socioeconômicos restritivos. De acordo com a literatura sobre o tema, apesar dos benefícios proporcionados pelos brinquedos não estruturados, muitos pais tendem a preferir os estruturados, mesmo que não eletrônicos, por considerá-los mais educativos e por oferecerem maior controle sobre a brincadeira e os estímulos fornecidos, alinhando-se às expectativas educacionais familiares (LIMA M, et al., 2021).

De maneira geral, os cuidadores valorizam o brincar, reconhecem sua importância, mas enfrentam barreiras estruturais e culturais que impactam a diversidade e a qualidade dessa prática. Dessa forma, a APS se apresenta como espaço privilegiado para intervenções educativas que promovam o brincar saudável, incentivando a compreensão do brincar desde o período neonatal, reforçando a importância das atividades ao ar livre e orientando sobre os riscos do uso precoce de eletrônicos. É importante seguir com os estudos sobre o brincar e seu papel em diferentes faixas etárias, valorizando seu papel como um fator essencial para o pleno desenvolvimento.

Entre as principais limitações do estudo, destaca-se o tamanho amostral reduzido, o qual impediu uma análise mais aprofundada da relação entre características dos cuidadores como idade e escolaridade, com seus recortes, e o conhecimento sobre o brincar dos lactentes. O fato de o estudo ter sido realizado em uma única unidade de APS também limita sua generalização, uma vez que os achados podem refletir de maneira mais específica perfil da comunidade no entorno.

CONCLUSÃO

Os achados desta pesquisa indicam que, embora os cuidadores reconheçam a importância do brincar, persistem lacunas no conhecimento sobre o início do comportamento lúdico nas primeiras semanas de vida. O perfil sociodemográfico evidencia contextos de vulnerabilidade que, associados à desinformação, podem limitar a diversidade e a qualidade das experiências de brincar. A predominância do uso de eletrônicos e a preferência por brinquedos estruturados, em detrimento de interações espontâneas e sensoriais, reforçam a necessidade de estratégias educativas desde as primeiras consultas na APS. Esse espaço necessita de fortalecimento no papel de promotor do desenvolvimento infantil, estimulando o brincar desde o nascer e alertando sobre os riscos do uso precoce de tecnologias. A continuidade de estudos ampliados, multicêntricos e interdisciplinares é essencial para orientar políticas públicas e práticas baseadas em evidências, buscando garantir experiências lúdicas e saudáveis para todos os lactentes.

REFERÊNCIAS

1. BARROSO R, MACHADO C. Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. Revista Psychologica, 2010;1(52);211-229.
2. BRANDÃO T. O brincar, a vida dos bebês: um diálogo sobre como brincam os bebês. Recife: Vacatussa, 2021; 37p.
3. BRASIL. Lei n. 13.257 de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Brasília, 2016. Acesso em: 7 abr. 2026.
4. BRASIL. Ministério da educação. Portaria conjunta MEC/MGI/MS/MDHC/MDS nº 255, de 5 de setembro de 2025. Institui o Plano de Ação Estratégico da Política Nacional Integrada da Primeira Infância - PNIPI para o biênio de 2025-2026. Brasília: MEC, 2025. Acesso em: 7 abr. 2026.
5. CANKAYA O, et al. Preschool children's loose parts play and the relationship to cognitive development: a review of the literature. Journal of Intelligence, 2023;11(8):151.
6. COLLIVER Y, et al. Free play predicts self-regulation years later: longitudinal evidence from a large Australian sample of toddlers and preschoolers. Early Childhood Research Quarterly,2022;59:148-161.

7. FYFFE L, LEWIS A. Does play-based learning support children's everyday resiliency? A cross-case analysis of parents' and kindergarten teachers' perceptions of play-based learning as a precedent to young children's coping during the pandemic-affected 2020–2021 school year. Children (Basel), 2024;11(11):1378.
8. JEONG J, et al. Parenting interventions to promote early child development in the first three years of life: A global systematic review and meta-analysis. PLOS Medicine, 2021;18(5):e1003602.
9. KOERBER MI, et al. Psychosocial work stress and parent-child bonding during the COVID-19 pandemic: clarifying the role of parental symptoms of depression and aggressiveness. BMC Public Health, 2023;23(1):113.
10. LEE EY, et al. Systematic review of the correlates of outdoor play and time among children aged 3-12 years. The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity,2021;18:41.
11. LIKERT R. A technique for the measurement of attitudes. Archives of Psychology,1932;22(140):5-55.
12. LIMA M, et al. Características e especificidades do brincar com brinquedos estruturados e não estruturados. Revista e Psicologia da IMED, 2021;13(1):85-104.
13. MORAIS RLS, et al. The environmental context and the child development: Brazilian studies. Journal of Physical Education, 2016;27:e2714.
14. NANDY A, et al. Parental toy play and toddlers' socio-emotional development: the moderating role of coparenting dynamics. Infant Behavior & Development, 2020;60:101465.
15. NEEDHAM AW, NELSON EL. How babies use their hands to learn about objects: exploration, reach- to-grasp, manipulation, and tool use. Wiley Interdisciplinary Reviews. Cognitive Science, 2023;14(6):e1661.
16. NIJHOF SL, et al. Healthy play, better coping: the importance of play for the development of children in health and disease. Neuroscience and Bio Behavioral Reviews, 2018;95:421-429.
17. NUVOLI V, et al. Digital screen exposure in infants, children and adolescents: a systematic review of existing recommendations. Public Health in Practice (Oxford, England), 2025;10:100653.
18. POBLETE ALMENDRAS MJ, et al. Revisión narrativa sobre la relación entre estrés tóxico y desempeño ocupacional en la primera infancia. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 2024;32:e3661.
19. ROCHA BD, NUNES CJ. Promovendo o brincar dentro da atenção primária: relato de experiência. Health Residencies Journal. 2023;4(18):1-6.
20. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA(SBP)**.** Benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. São Paulo: SBP, 2024a;32p.
21. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA(SBP). Menos telas #mais saúde: atualização 2024, 2024b;15p.
22. SOLIS-CORDERO K, et al. O brincar na rotina doméstica para a promoção do desenvolvimento infantil: estudo transversal. Revista Gaúcha de Enfermagem, 2023;44:e20220127.
23. SOUSA BVN, et al. Vulnerabilidade de crianças com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem. Saúde em Debate, 2022;46(spe5):91–103.
24. UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND (UNICEF). How babies learn through play: discover why play is so important for babies' development. UNICEF, 2025. Disponível em: https://www.unicef.org/parenting/child-development/how-babies-learn-through-play. Acesso em: 10 ago. 2025.
25. VYGOTSKY LS. A formação social da mente. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes,1984;90p.
26. WHITMAN E. The impact of social play on young children. Integrated Studies, 2018;94.
27. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Nurturing care for early childhood development: a framework for helping children survive and thrive to transform health and human potential. Geneva: WHO, 2018;64p. Link de publicação: https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/781de51d-4cef-482e-bb3b-c2b3becf3c9f/content
28. WYVER S. The influence of outdoor play on social and cognitive development. Sydney: Macquarie University, 2024;9p.
29. YOGMAN M, et al. The power of play: a pediatric role in enhancing development in young children. Pediatrics, 2018;142(3):e20182058.
30. YOONG SL, et al. Impact of a multi-component implementation strategy to increase outdoor free play opportunities in early childhood education and care (ECEC) services: the get outside get active (GOGA) randomised controlled trial. The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity, 2025;22:51.
31. ZHOU Y, et al. Relationship between children's independent activities and the built environment of outdoor activity space in residential neighborhoods: a case study of Nanjing. International Journal of Environmental Research and Public Health, 2022;19(16):9860.